



Evento: XXVI Jornada de Pesquisa

## A HISTORICIDADE DE JESUS: E OS CRUCIFICADOS DE HOJE<sup>1</sup>

### THE HISTORICITY OF JESUS: AND THE CRUCIFIED OF TODAY

Michel Birmann Mousquer<sup>2</sup>; Leandro José Kotz<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvida no Instituto Missioneiro de Teologia IMT/URI,

<sup>2</sup> Aluno do Curso de Teologia do Instituto Missioneiro de Teologia IMT-URI.

<sup>3</sup> Doutorando do curso de Educação nas Ciências pela UNIJUÍ.

#### RESUMO

Este artigo visa compreender a caminhada histórica de Jesus de Nazaré. Fazer uma análise da natureza de Jesus à luz de uma análise bíblica seguindo a linha que os evangelhos desenham ao narrar sua vida pública e as consequências das escolhas feitas por Ele que culminaram na sua crucificação, demonstrando assim, que uma fé que paira nas nuvens não tem implicações com o chão da vida.

**Palavras-chave:** Jesus. Cruz. Evangelhos Sinóticos. Crucificados.

#### ABSTRACT

This article aims to understand the historical journey of Jesus of Nazareth. Make an analysis of the nature of Jesus in the light of a biblical analysis following the line that the gospels draw as they narrate his public life and the consequences of the choices he made that culminated in his crucifixion, thus demonstrating that a faith that hangs in the clouds has no implications for the ground of life.

**Keywords:** Jesus. Cross. Sinotic Gospels. Crucified.

#### INTRODUÇÃO

Quem foi Jesus de Nazaré e quais são os desdobramentos teológicos e existenciais de sua caminhada histórica? De acordo com Sobrino (1983, p. 225), “a cruz é consequência do caminho histórico de Jesus; portanto, a espiritualidade cristã não pode reduzir-se à mística (fato religioso) da cruz; mas consiste no seguimento do caminho de Jesus”. Nessa perspectiva, tematiza-se a historicidade de Jesus que conduz ao seu assassinato na cruz. Destarte, essa via é imprescindível para o cristão, uma vez que, não se trata de compreender a revelação de Deus à



luz de compreensões superficiais e/ou mágicas como, por exemplo, se Jesus gozava da prerrogativa divina, então a cruz, potencialmente, era algo fácil<sup>1</sup>.

O ponto de partida para interpretar crucificação não pode ser a ressurreição, mas a vida pública de Jesus<sup>2</sup>. O Evangelista Marcos<sup>3</sup> deixa esse pressuposto, ademais, Jesus é representado de modo que não tinha conhecimento sobre o seu desfecho trágico<sup>4</sup> desde que o Verbo se fez carne. É no anúncio do Pai e de seu Reino que Jesus percebe que sua mensagem não seria aceita no âmago judeu.

A missão de Jesus - e sua fidelidade a ela - em anunciar o Reino e o Pai, contrariou o sistema político, econômico e religioso de sua época, pois Israel vivendo sob o domínio romano despertava em alguns a esperança e a expectativa de que o Messias surgisse como rei triunfante, libertando Israel do jugo romano. Entretanto, Jesus foi vítima de um sistema opressor e injusto. Ao longo da história, percebe-se que os diferentes sistemas continuam exigindo a crucificação

<sup>1</sup> Há diversas questões subjacentes, entre elas, uma de fundamental relevância, a saber, qual é o Deus que se manifesta na cruz? Como já foi assinalado, não se trata de um Deus que intervém na ordem do mundo, pois este funciona de modo autônomo. Reale e Antiseri, ao abordar o pensamento do teólogo Dietrich Bonhoeffer afirmam, “o mundo é autônomo, e Deus não é um tapa-buracos” (2006, p. 367). Devido a condição humana ser do ponto de vista ontológico finita/miserável e existencialmente/psicologicamente angustiante e/ou desesperada, não significa que Deus intervém na ordem do mundo em detrimento de alguém. A cruz é sinal de que Deus é impotente no mundo. Mas é na cruz e no sofrimento de Cristo que, Ele se identifica com o da humanidade e suprassume a condição de miserável e desesperada em esperança. Diante disso, cabe refletir criticamente sobre as diferentes igrejas cristãs que propõe um Deus onipotente, um Deus que intervém de modo mágico na vida das pessoas e, por fim, aquelas igrejas que realizam um sensacionalismo mercadológico prometendo riqueza e prosperidade. Os atributos de Deus (onipotente, onisciente, onipresente, entre outros, são - como afirma Feuerbach em sua obra, *A essência do cristianismo* (2007) - projetados pelo humano. Todavia não é possível acompanhar o autor plenamente em sua crítica, isto é, de que religião é (apenas) antropologia, pois se assim fosse, extinguiria a teofania, a revelação e a soteriologia da matriz cristã. De qualquer sorte esses atributos morrem na cruz, todavia, nela se manifesta o Deus das promessas que está com o povo, que caminha com o povo e supera a morte por meio da ressurreição.

<sup>2</sup> Segundo Reale e Antiseri (2006, p. 374-375), para Panemmerberg, tal afirmação se faz necessária, uma vez que, existe a compreensão de que apenas a cruz e a ressurreição possuem elementos salvíficos, o que é um engodo. A história da salvação não pode ser dilacerada de acordo com interesses. Deus se manifesta no mundo, se revela aos homens e, portanto, revela-se na história. A História da salvação é contínua, mas aberta ao futuro. Daí que, uma fé que paira nas nuvens é uma tentativa metafísica de saltar do mundo (além de ser uma contradição) no qual Deus se revelou para encontrar em outra esfera o que se procura, destarte, condicionando a Revelação e a Salvação a interesses privados. A natureza desse tipo de fé é de ordem privada e que não enxerga a realidade sociopolítica, além disso, acredita que a salvação pode ser alcançada de modo subjetivo, porém a vida cristã é vida em comunidade e doação ao próximo.

<sup>3</sup> Mc 14:34.

<sup>4</sup> Se Jesus é da Trindade, como não sabia que iria ser crucificado? Aparentemente é uma contradição, porém, o que está em jogo é uma determinada compreensão de Deus e de sua revelação. Jesus, assim como as pessoas, precisam ter fé no projeto do Pai. Ou seja, se a historicidade de Jesus também é um elemento salvífico e se ela que conduz a cruz, Jesus precisou ter fé no Pai. A partir dessa perspectiva, Jesus é um homem que possui conflitos existenciais, se questiona acerca da teleologia, das coisas e acima de tudo, conforme os Evangelhos Sinóticos, amadurece sua fé. Muito se fala sobre ter fé em Jesus, todavia, também é preciso colocar a questão sobre a fé de Jesus.



de pessoas. Portanto, o escopo da presente pesquisa consiste em compreender a historicidade de Jesus prescindindo elementos teológicos para iluminar a questão dos crucificados de hoje.

A primeira seção, desenvolve aspectos que tangem a caminhada histórica de Cristo. À luz da obra de Juan Luis Segundo<sup>5</sup>, que perpassa os sinóticos desenvolvendo sua cristologia a partir do *Jesus Histórico*, busca-se compreender quem foi o Jesus histórico, quais foram as consequências das suas escolhas e como Ele entendeu o seu chamado ao anúncio de um Reino que não seria estabelecido da maneira convencional como era a expectativa messiânica. Trata-se de uma preliminar para em um segundo momento mergulhar na caminhada que Cristo faz com o povo, a fim de compreender seus ensinamentos e as consequências que surgem ao longo da trajetória.

Concluída esta base, a intenção consiste em aproximar-se pela senda da fé no mistério de Cristo. Já na última seção reflete-se sobre o exemplo revolucionário de fé deixado por Cristo. Ao realizar a atualização hermenêutica do Jesus histórico e suas implicações para os cristãos, lança-se luzes sobre os crucificados de hoje. Se, do ponto de vista histórico, conseguia-se distinguir ao menos opressor e oprimido, na contemporaneidade, pode-se afirmar que todos foram reificados por um autômato autônomo. As vítimas da automação tecnológica como diz Vilém Flusser.

## A CAMINHADA HISTÓRICA DE CRISTO

No sentido mais absoluto e perfeito, Jesus é homem. No Novo Testamento, Jesus não é representando como um arcanjo ou um semideus, mas como um homem circunscrito pelas injunções espaciotemporais e, portanto, impelido para a finitude. Jesus assume a condição humana para que as promessas escatológicas e soteriológicas se objetivam. “Está claro que ele não veio para ajudar anjos, e sim para ajudar a descendência de Abraão<sup>6</sup>” (Hb 2:16). Conforme

<sup>5</sup> SEGUNDO, Juan Luis. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997.

<sup>6</sup> Conforme Hinkelammert, em *A fé de Abraão e o Édipo Ocidental*, há uma pluralidade de interpretações acerca de Gn 22:15-18. Em boa medida, isso se dá devido a uma suspeita hermenêutica do autor de que houveram inserções posteriores que alteram o sentido da perícopa. Além disso, todo texto carrega uma rica reserva de sentido, conforme Paul Ricoeur (1913-2005). De modo genérico, destacam-se duas perspectivas que se tensionam. Primeira, na qualidade de mensageiro de Iahweh, que tinha autoridade, o emissário divino entregou uma segunda mensagem para Abraão, esta agora na primeira pessoa. Uma vez que Abraão havia passado no “teste das prioridades” ao obedecer a Iahweh, este o abençoaria de fato com descendência, vitória, terra, e benevolência. Sendo que Abraão estava pronto para aceitar a perda do seu descendente pactual, Iahweh haveria de multiplicar a *tua semente como as estrelas do céu, e como a areia que está na beira do mar*. Fica claro, que



Martín, Jesus teve mãe humana, de origem pobre e humilde<sup>7</sup>, cresceu e desenvolveu-se normalmente, como um menino de periferia, pela adolescência teve as mesmas experiências de um adolescente, experimentou a troca de voz, as espinhas, o despertar da sexualidade e na maturidade tornou-se homem. Teve a experiência das emoções e dos sentimentos comuns a todos os homens: amor, tristeza, indignação, compaixão, entre outros. Foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas não sucumbiu (MARTÍN, 1997).

A declaração de que Jesus era um “glutão e bebedor de vinho”, encontrada no Evangelho de Mateus (11:19), é um valioso testemunho do fato de que “em todas as coisas se tornou semelhante aos seus irmãos” (Hb 2:17). Não só comeu e bebeu; conheceu a fome, a sede e o cansaço<sup>8</sup>, bem como, precisou ter fé no Pai e no seu Reino. À luz dos Evangelhos vê-se sua bravura, sua severidade, sua ternura; ensinando as multidões, “as ovelhas sem pastor”, compadecendo-se das fraquezas dos homens, ele próprio homem de dores que sabe o que é padecer, pois conhece a miséria e a situação de vulnerabilidade do povo.

Jesus em sua vida pública ensina a priorizar o Reino e a Justiça de Deus, pois quem dá valor ao Reinado de Deus em sua vida e que atentamente busca uma vida correta - quer dizer a boa vida é aquela dedicada ao próximo - pode confiar<sup>9</sup> ao Eterno o curso da sua vida e a satisfação de suas necessidades (Mateus 6:33). Jesus escolheu os pobres, os injustiçados, os marginalizados, trazendo todos para viver numa vida de comunidade<sup>10</sup> (Lucas 4:16-19). E por

---

Abraão tem a disposição de oferecer Isaac em sacrifício, todavia, trata-se de uma interpretação superficial sem a mediação de métodos exegéticos. A interpretação, neste caso, restringe-se a historiar assumindo as inserções posteriores. Logo, trata-se de uma leitura subjetiva e fundamentalista. Na segunda senda interpretativa, Abraão está posto à prova em virtude de uma lei social-religiosa que exige o sacrifício do filho primogênito, como sinal de fé e bênção a um deus idólatrico. Em outras palavras, assassinava-se o filho primogênito para agradecer a Deus o dom da fertilidade do casal. O que por sua vez, era prova de que o casal era abençoado em bem quisto por Deus. Abraão crê no Deus da vida, por essa razão, não sacrifica seu filho como exige e lei, mas rompe com a lei e justamente, por isso, é abençoado. Em poucas palavras, ações que promovem a vida geram cada vez mais vida, por isso Abraão tem descendência. Portanto, a descendência de Abraão é aquela que acredita no Deus da vida e não compactua com deuses idólatricos que exigem sacrifício.

<sup>7</sup> O evangelista Lucas traz essa ideia no cântico de Maria - *Magnífict*. Esse cântico tem inspiração no de Ana (1Sm 2:1-10), nele Maria celebra a ação de Deus que olhou para a humilhação de sua serva, situa um discurso político a partir da ideia de derrubar os poderosos do trono e elevar os humildes, além de lembrar dos famintos. Por fim, o evangelista Lucas, põe a Maria realizando uma memorização sobre a história do povo de Israel, situando as promessas que Deus fez e cumpriu, portanto, não abandona seu povo, mas caminha com ele.

<sup>8</sup> Encontramos nos evangelhos citações relevantes das necessidades humanas na vida de Jesus. Para tanto ver: Mt 11:19; Lc 4:2; Jo 19:28; Jo 4:6.

<sup>9</sup> Do hebraico *Emuná*, significa fé, todavia não qualquer tipo de fé. Mas, fé no Deus das promessas que cumpre com elas. Esse é o Deus verdadeiro e, portanto, Nele pode-se confiar. Para Pannenberg, “não se tem confiança cegamente, e sim com base em algo de tangível em que consideramos poder confiar. A verdadeira fé não é credulidade cega. Os profetas puderam conclamar Israel a ter confiança nas promessas de Javé porque Israel já havia experimentado, durante uma longa história, que podia confiar nesse seu Deus. E o cristão empenha sua confiança, sua vida e seu futuro pelo fato de que Deus se revelou na sorte de Jesus” (*apud* REALE, ANTISERI, p. 375).

<sup>10</sup> De acordo, com o Novo Testamento, a vida dos cristãos é comunidade, o que por seu turno, indica um paralelismo externo com o período Tribal do povo Judeu. Daí se conclui que, a fé tem desdobramentos sociais e políticos e se estes forem dissociados dela, trata-se de uma fé sem gravidade. Essa perspectiva pode ser acompanhada na Teologia da Libertação, bem como, nas reflexões dos teólogos da esperança, aqui cabe destacar a posição de Johann Metz. Para ele a teologia tem o olhar para o futuro soteriológico (esperança), mas essa se perfaz como teologia política. De acordo com sua posição, a metafísica da objetividade, a mediação



fim, foi pregado no madeiro para morrer em companhia daqueles os quais ele defendeu, em companhia de criminosos. Destarte foi vítima inocente do fanatismo, do medo, do ódio, do ciúme, do oportunismo político e do assassinato legalizado. Foi crucificado, morto e sepultado; Jesus, Filho do homem (João 3:13).

Desde cedo Jesus provoca a ira dos homens perversos de sua época, razão pela qual maquinaram sua morte. Conforme Sobrino, a caminhada histórica de Jesus, ou sua vida pública vai trazer no final de sua jornada a cruz como consequência. A concepção da cruz, pode nos induzir a entender que Jesus sendo divino, consagrado e ungido por Deus, isto seria algo muito fácil e compreensivo, pois para um ser divino e supostamente dotado de poderes, enfrentar uma crucificação seria algo suportável, porém no momento em que se vê Jesus como filho do homem, como ser humano, se torna mais difícil a compreensão da cruz, de tal sorte que surgem questões como: que tipo de Deus deixa se crucificar? Será Ele verdadeiramente o Messias? Está-se diante de um Deus impotente e fraco, no sentido, de não intervir na realidade e nas leis da natureza de modo mágico. A imagem de um Deus crucificado sinaliza para um Deus que conhece as dores e angústias do povo. Nesse sentido, um Deus que faz caminho com seu povo<sup>11</sup>.

O caminho da cruz, foi o caminho que Ele fez ao escolher o projeto do Reino aqui na terra, Jesus como ser humano, fez sua opção, independente de ser filho de Deus, elegendo os pobres, os injustiçados e os marginalizados, trazendo todos para viver numa vida de comunidade. Sendo assim, a espiritualidade do cristão deve ser pautada no seguimento daquilo que Jesus fez e estar a serviço do reino e da justiça.

---

existencialista e personalista não são instrumentos eficazes para interpretação da Revelação, pois promovem um reducionismo, a saber, a prática da fé assume uma dimensão privada, isto é, passa a ser uma escolha do indivíduo sem implicações com o mundo e o outro. Isso torna possível uma fé cindida do chão da vida, da realidade sociopolítica. Se a salvação depende exclusivamente do indivíduo cai por terra a Graça de Deus, além de ser possível negligenciar a realidade sociopolítica. Para Metz, as posições que enaltecem a privatização da fé, constituem-se em equívoco, pois não há salvação privada. O teólogo lembra que, “as promessas escatológicas da Tradição bíblica - liberdade, paz, justiça, reconciliação - não se deixam privatizar. Elas nos remetem necessária e incessantemente à nossa responsabilidade social” (METZ *apud* REALE; ANTISERI, 2006, p. 375). Por conseguinte, o cerne das Igrejas consiste em ser “portadora da memória subversiva da liberdade” (METZ *apud* REALE; ANTISERI, 2006, p. 375).

<sup>11</sup> A pergunta sobre quem foi Cristo não é inédita e tão pouco anacrônica, ademais, ela deve ser ressignificada pelos Cristãos à luz das injunções espaciotemporais. De acordo com Bonhoeffer, essa questão se justifica em nossa época, haja vista, que a partir da Revolução Científica, Deus não é mais necessário do ponto de vista epistemológico. Ou seja, é possível explicar o mundo, a natureza e o ser humano à luz da razão e não mais recorrendo a hipótese de Deus. Além do campo do conhecimento, Deus também foi expulso do horizonte moral. No século XIX, Nietzsche (1844-1900) afirma que os valores não são uma substância em si e/ou uma essência. Os valores morais são produzidos por humanos para humanos, logo eles não são dados por Deus. Em outras palavras, é possível viver sem a hipótese de Deus. “O próprio Deus [que] nos ensina que nossa vida de homens deve prosseguir como se ele não existisse. [...] O Deus que nos faz viver num mundo sem a hipótese de trabalho ‘Deus’, é o Deus em cuja a presença estamos a cada momento. Com Deus e na presença de Deus, nós vivemos sem Deus. Deus deixa-se expulsar do mundo: sobre a cruz, Deus é impotente e fraco no mundo, mas é assim e somente assim que ele permanece conosco e nos ajuda. Mateus 8,17 é claríssimo: Cristo não ajuda em virtude de sua onipotência, mas sim em virtude de sua fraqueza, de seu sofrimento - aqui está a diferença determinante em relação a qualquer outra religião (BONHOEFFER *apud* REALE; ANTISERI, 2006, p. 367). Assim pode-se concluir que Deus está presente no sofrimento e na miséria do mundo.



## CRISTO QUE CAMINHA COM O POVO

Da mesma maneira que a Bíblia declara a humanidade de Jesus, também afirma sua deidade (Jo 1:1; Hb 1:3). A essência e a presença de Deus, seu próprio ser se manifesta através das palavras e das obras deste homem. Ele fala deliberada e conscientemente, com autoridade divina. No sermão do monte, coloca a perseguição por sua causa lado a lado com a perseguição por causa da justiça e declara que quem sofre pela sua lealdade a Ele ou à justiça receberá recompensas no céu. Coloca sua própria autoridade em paralelo com a autoridade de Deus e propõe à humanidade leis que requerem justiça maior e mais profunda do que os dez mandamentos e assume a autoridade de pronunciar o juízo final dos homens (Mt 7:21-23).

Na presença de Jesus, os homens não escapam da convicção de que seus juízos e seu perdão são o juízo e a misericórdia do próprio Deus. Rebelar-se contra este Príncipe da vida humana é que é pecado no sentido mais absoluto. A graça de Jesus é a graça estupenda de Deus. Duvidar das promessas Dele é duvidar do próprio Deus e estar no mundo sem esperança<sup>12</sup>.

A doutrina cristã da encarnação procura pelo menos definir o mistério de Cristo, na qualidade de filho do homem e filho de Deus. A intenção aqui é definir de forma racional em termos teológicos este mistério. Houve, nos primeiros séculos do cristianismo, duas principais tendências ou escolas que refletiam sobre a natureza de Cristo, ligadas respectivamente às duas grandes cidades do Oriente Próximo, Alexandria e Antioquia.

A escola de Alexandria via encarnada em Cristo a segunda pessoa da trindade; seu pensamento partia do céu com o filho eterno e dali baixava para a terra. A ênfase da escola de Antioquia fixava o fato da humanidade de Jesus, aqui sobre a terra para daí subir ao céu. Até esse ponto não se trata de duas cristologias diferentes, mas de interpretações que apresentam diferentes ênfases.

Resultou, porém, dessas ênfases unilaterais, que os alexandrinos, destacando a unidade da pessoa de Cristo com Deus, tendiam a obscurecer sua verdadeira humanidade. Cirilo de Alexandria chegou a afirmar, para explicar as limitações de poder e de conhecimento

---

<sup>12</sup> Essa é a perspectiva dos chamados teólogos da esperança, isto é, o problema teológico por excelência concerne as promessas escatológicas e a soteriologia. De acordo com Moltmann as “realidades últimas” que dão sentido à vida de cada homem individual e de toda a história humana, e iluminam a vida presente, relativizando todos os seus resultados e todas as suas instituições à luz da promessa do futuro. E é claro que quem alimenta a esperança cristã ‘não poderá jamais se adaptar às leis e às fatalidades inelutáveis desta terra’ (MOLTMANN *apud* REALE; ANTISERI; 2006, p. 373).



registradas no evangelho acerca de Jesus, que em benefício de seus ouvintes, ele simula desconhecimento na sua qualidade de homem. Ora, isso é chamado de docetismo, a heresia que afirma que a humanidade de Jesus era apenas simulada, uma espécie de dramatização.

Por outro lado, os antioquenos, atribuindo ao Jesus humano àquilo que os evangelhos dizem de seu desconhecimento e sua fraqueza, perdiam de vista a unidade da pessoa de Cristo e praticamente admitiam a existência de dois filhos, a implicação direta dessa inferência consiste em que a obra de Jesus deixa de ser a obra de Deus.

Uma pessoa em duas naturezas deixa em pé o paradoxo da pessoa de Cristo, porém conserva-se a verdade acerca de Jesus, conforme está registrada em caráter perene nas páginas do Novo Testamento e também na história da Igreja primitiva. Essa verdade é que na vida de Jesus Cristo para nossa vida humana, Deus nos deu nada menos do que a si mesmo. Toda a graça redentora que estava no salvador, existia em Deus, antes de todas as coisas. Foi esse Deus na sua imensurável caridade de sua misericórdia, veio naquele que então conhecemos como Jesus. É o que, apesar das falhas da linguagem humana a doutrina da trindade e da encarnação procuram expor<sup>13</sup>.

As pessoas esperavam que Jesus estabelecesse um governo visível e terreno, porém, a resposta de Jesus dizia que o Reino de Deus é uma escolha pessoal e comunitária que acontece no íntimo da pessoa e da comunidade, e não em um espaço geográfico identificável, pois o Reino de Deus é uma realidade transformadora que acontece dentro e no meio do povo de Deus, edificada através da transformação que se dá ao escolher as ideias e valores ensinados por Jesus, indo na contra mão das ideias e valores políticos e sociais praticados pela maioria da época.

Deus sente e ouve o clamor do seu povo (como no Êxodo), daí que emana a necessidade do anúncio do Reino, pois o povo sofrido clamava por libertação, mas mesmo assim os seguidores de Jesus não compreendiam a verdadeira natureza do Reino e a estrada que ele deveria tomar para reivindicar o trono. Ao menos sete vezes Jesus falou aos seus amigos sobre os eventos que ocorreriam em Jerusalém; Mateus 16:21-23, em Marcos 8:31-33, em Lucas 9:22 e em João 12:20-36, são algumas delas; sua rejeição, sofrimento e morte. Porém eles não conseguiam compreender a ideia da morte do rei para cumprir o seu reinado.

<sup>13</sup> Cf. Reale e Antiseri (2006, p. 364), Karl Barth rebatendo o reducionismo dos teólogos liberais, a saber, de que a Revelação e religião são apenas aspectos culturais, afirma a infinita distância qualitativa entre o que é da ordem humana para divina. Além disso, a Revelação de Deus não deixa apreender pelas malhas conceituais da razão. A opção pela fé é uma escolha e uma possibilidade que o homem tem.



As multidões aumentavam, pessoas conversavam, milhares se reuniam para a Páscoa. Muitos imaginavam que essa celebração da libertação de Israel seria o momento ideal para revelar o Reino. As pessoas apegavam-se à ideia de que o Reino de Deus iria se manifestar de imediato, apegavam-se ao imaginário de que Jesus sendo o Cristo, seria fácil estabelecer o reino. Para essas pessoas seria incompreensível a cruz, mas como já foi aludido acima, ela foi a consequência do caminho escolhido e percorrido por Jesus.

Portanto, a espiritualidade do cristão deve ser pautada no seguimento daquilo que Jesus fez, com consciência de que há cruz no caminho e abrindo-se ao serviço do reino e da justiça. O debate sobre a natureza de Jesus revela que não há um primado divino sobre a perspectiva humana. Assim Deus se fez homem para elevá-los. O ponto nevrálgico dessa questão revela dois desdobramentos, primeiro de ordem sócio-político, ou seja, uma fé de nuvens - sem gravidade, não é a genuína fé cristã. Segundo, aponta para os crucificados da história e da contemporaneidade.

## **ATUALIZAÇÃO HERMENÊUTICA DA HISTORICIDADE DE JESUS**

Tendo como pressuposto a vida pública de Jesus e a cruz, deve-se questionar a dimensão hermenêutica do evento Jesus e seu significado para os cristãos e para o mundo contemporâneo. Essa questão é contextual e exige uma resposta da mesma ordem. Em outras palavras, trata-se de uma inflexão de pensamento que os cristãos de todas as épocas se ocupam, assim sendo, há uma pluralidade de concepções. Para além dessa pluralidade de respostas, cabe frisar que isso é um dos núcleos centrais da fé cristã. Ou seja, compreender a inter-relação entre a historicidade de Jesus, a cruz e as promessas escatológicas.

O evangelho de Marcos, o mais antigo e, por conseguinte, o mais histórico apresenta a morte de Jesus com palavras fortes, abandonado por todos na cruz e realçando o abandono do Pai, ele grita: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?... E dando um forte brado Jesus espirou” (Mc 15:34-38). Marcos relata o assassinato de Jesus expondo a perseguição, a injustiça e a humilhação que sofreu. A crucificação trouxe um significado de solidariedade de Jesus para com todos os crucificados da história, que da mesma maneira como ele, foram e são vítimas de um sistema injusto pecador.





Doravante, o objetivo consiste em trazer para a reflexão os crucificados do mundo contemporâneo. Cabe reiterar, várias interpretações já foram realizadas acerca desse tema, trazendo para o debate inúmeras categorias e minorias como vítimas do sistema pecador. Não se pretende repetir ou desmerecer essas perspectivas. A hipótese que se levanta é de que a conjectura atual corresponde a uma fase da história do ser, na qual há uma planificação reificadora através dos autômatos autônomos. De um modo genérico, portanto, ninguém mais escapa dessa reificação. Para sustentar essa perspectiva busca-se em dialogar com Vilém Flusser.

Flusser parte da perspectiva heideggeriana da metafísica da subjetividade que tem sua gênese na modernidade. A Modernidade traz em seu bojo uma mudança paradigmática que determinou o curso da história ocidental. A ciência aliada a técnica pretendia libertar o homem das sombras, das superstições, credices religiosas e transformar o mundo/natureza. Para tanto, a identificação do ser com o homem foi fundamental. Deste modo, o homem torna-se o fundamento do real para o qual tudo o que é está exposto, ou à mão. Tudo é reduzido a uma equação de sujeito e objeto. Portanto, para o moderno tudo tem que ser objeto, inclusive o próprio homem<sup>14</sup>.

Ao abordar o conceito de cultura, Flusser evidencia não apenas seu entendimento sobre a cultura, mas, fundamentalmente, quem é o homem. Se outrora, os filósofos indagavam-se sobre o homem, faziam isto na contraposição em relação aos demais animais, procurando estabelecer uma diferença específica. A questão antropológica, doravante, não diz respeito à diferença entre o homem e os outros animais, mas entre o homem e o autômato autônomo.

O ser humano é produtor de cultura e ao produzi-la fica subjacente sua intencionalidade. Se for assim, o mundo é artificialmente elaborado, no sentido de que não é natural/biológico, mas resultado da intenção humana produtora de cultura. Para Flusser, todavia, no contexto do século XX, já apareceram objetos culturais sem intencionalidade humana. Em outras palavras, foram produzidos por autômatos autônomos.

O homem produziu a máquina e está tornou-se no primado nos dias hodiernos. Isso, segundo Flusser, demonstra que o homem foi reduzido a técnico da máquina sem possibilidade criativa de produção cultural. Pois “[...]atualmente começam a aparecer objetos na nossa

---

<sup>14</sup> Cf. HEIDEGGER, *Ser e tempo*, 1988.



circunstância que, embora informados artificialmente [...], não permitem que se descubra por de trás deles, intencionalidade humana. Os objetos informados automaticamente por aparelhos” (FLUSSER, 2021, p. 1).

A ascensão artificial de objetos culturais faz com que seja necessário repensar o conceito de cultura e, por conseguinte, de ser humano. Se não é possível decifrar a intenção subjacente nos objetos (os motivos humanos que levaram a sua elaboração), então “o pensamento histórico, político, não mais tem campo” (FLUSSER, 2021, p. 1).

É importante frisar que há uma polaridade de posições acerca dos autômatos autônomos. Por um lado, existem os defensores desses aparelhos argumentando que eles foram criados pelos humanos de acordo com determinadas intenções. Neste caso, o homem é produtor cultural, de mais a mais, em última análise possui uma intenção ao criar aparelhos com inteligência artificial. De outro lado, há posições mais críticas como, por exemplo, de que o princípio da automação aos poucos cerceia e elimina a intenção geradora de cultura. E, se for assim, o campo da política e da cultura são esvaziados<sup>15</sup>.

Neste sentido, a máquina opera, delibera e decide pelo homem. Este é reduzido a operador da máquina, um técnico. Para Flusser, os homens vivem em um mundo de técnicos, sendo programados pelos autômatos autônomos. Aqui, encontra-se um ponto crucial para a presente inflexão de pensamento. Se outrora, na história do ser e da metafísica da subjetividade conservava-se a dicotomia ser e não-ser<sup>16</sup>, para Flusser, doravante ninguém escapa da

<sup>15</sup> De acordo com Giuliano da Empoli em: “Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições” (2019), a política foi carnavalizada pelo populismo de direita explorando vulnerabilidades e medos das pessoas a partir das redes sociais. Os novos agentes da política são, sobretudo, cientistas especializados no Big data. Isso porque, cada pessoa é monitorada a partir do que ela faz nas redes sociais ou até mesmo na rede mundial de computadores. A partir desse controle, cada uma recebe mensagens personalizadas de acordo com sua vida digital. Não importa mais o fato, a verdade, mas o discurso. O fato deve ser maleável para a produção de inúmeros discursos de acordo com a vida digital das pessoas. Até aqui, percebe-se que há uma intencionalidade subjacente, embora seja de caráter perverso. Todavia, Giuliano prossegue afirmando que é possível um partido que surge do algoritmo. Isto é, que recolhe dados de eleitores, analisa suas demandas independentemente de qualquer ideologia política e o próprio sistema escolhe aleatoriamente uma pessoa como candidato, realizando sua campanha eleitoral, sem contar com a intenção humana.

<sup>16</sup> Há na base dessa racionalidade um pensamento identificador da realidade com ser e não-ser. Ao longo da história da humanidade, verifica-se que várias categorias e minorias ocuparam esse espaço do não-ser, o que legitima sua eliminação como, por exemplo, o judeu na Alemanha nazista. O judeu era o não-ser enquanto o ariano era ser.



planificação técnica. Se a metafísica da subjetividade é violenta, a metafísica da técnica é extremamente violenta, pois nenhum humano escapa dela.

Ivan Illich, expressa algo análogo ao pensamento de Flusser,

os sintomas de uma progressivamente acelerada crise planetária são evidentes. Por todos os lados se procurou o porquê. Antecipo, por meu lado, a seguinte explicação: a crise radica no malogro da empresa moderna, isto é, na substituição do homem pela máquina. O grande projecto metamorfoseou-se num implacável processo de servidão para o produtor e de intoxicação para o consumidor. O domínio do homem sobre a ferramenta foi substituído pelo domínio da ferramenta sobre o homem (ILLICH, 1976, p. 23).

Como se pode observar, diversas vozes se somam para interpretar a conjectura contemporânea à luz do problema dos autômatos autônomos. O que são os autômatos? São fruto da intencionalidade humana, mas não de qualquer intenção, mas precisamente do desejo de retirar do processo de elaboração cultural o corpo e a mente. “Autômatos foram produzidos com a intenção de se tornarem autômatos de toda futura intervenção humana, inclusive de futura intenção humana” (FLUSSER, 2021, p. 1).

Fica clarividente que a fabricação dos autômatos consiste em eliminar toda e qualquer futura intenção humana na produção cultural. A intenção é, portanto, eliminar a intenção, deste modo, reificado o ser humano. Com o advento dos autômatos termina a história. Por essa razão, Flusser caracteriza o mundo contemporâneo como pós-histórico. Esse suposto é imprescindível para realizar a crítica cultural do presente.

Não interessará mais tanto a crítica dos fenômenos culturais propriamente ditos, e o interesse se concentrará sobre os programas dos quais os fenômenos culturais são resultados. Nos fenômenos culturais propriamente ditos nada poderá ser descoberto a não ser a automaticidade sub-humanamente estúpida do gesto produtor de cultura. Os fenômenos culturais não mais atestarão o gesto criador humano, (a liberdade), mas o gesto criador humano, o gesto informativo, deverá ser procurado ao nível da programação, da análise, síntese e processamento de dados. Ao nível do jogo com símbolos criados de informação a ser automaticamente impressa sobre os objetos (FLUSSER, 2021, p. 2).

Para demonstrar seu pensamento acerca da interface entre aparelhos autônomos, o fim da história e a intenção humana, Flusser destaca o exemplo da Segunda Guerra Mundial. Durante a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos da América desenvolveram um programa bélico



atômico para destruir todas as frentes de combate da Alemanha nazista. Entretanto, e por diferentes razões, esse objetivo foi malogrado e os Estados Unidos da América tiveram que usaram esse recurso contra o Japão. Ao lançar as bombas atômicas no Japão, pressupõe-se que as intencionalidades eram claras, tanto para aqueles que atuaram na construção desse arsenal como para aquele que autorizou/ordenou o bombardeio. Se as intenções estão claras, os autores podem assumir a responsabilidade sobre esses eventos.

Já na atual conjuntura, vários países possuem sistemas de defesa com inteligência artificial, a partir dos quais se protegem contra os ataques inimigos. O sistema é completamente autônomo, e torna as autoridades em técnicos do sistema. Ademais, elas não precisam deliberar e executar um gesto para evitar o ataque de um míssil. O sistema diagnóstica o míssil e abate-o no ar, antes de atingir o seu alvo. Através desse breve exemplo, fica nítido o risco da automação total, pois ela elimina a possibilidade cultural (e com isso a responsabilidade) e política.

Se outrora, a teologia destacava minorias sociais como crucificados da história, Vilém Flusser acena para uma conjuntura complexa e, sobretudo, demasiadamente violenta. Pois, em última análise a liberdade e o gesto criador de cultura (característica do ser humano) são eliminados. Impondo uma nova condição humana, ser instrumento do autômato. Se isso é verdade, então nem mesmo as igrejas cristãs escapam da planificação dos autômatos autônomos. Todavia, à luz do que foi desenvolvido acima, cabe às igrejas preservar a esperança nas promessas escatológicas e promover o desencantamento técnico virtual. Compreendendo quem são os crucificados da atual conjuntura, pode-se investigar como as igrejas cristãs estão engajadas e comprometidas com a boa vida, ou seja, vida em abundância e qual o seu papel. Em outras palavras, cabe doravante às igrejas repensar sua eclesiologia na interface com a missiologia, tendo como móbile, a fé que passa pela cruz. Tais desdobramentos não serão objeto da presente pesquisa devido ao caráter e brevidade da mesma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, ao responder quem foi Jesus de Nazaré e onde sua caminhada histórica o levou; chega-se a crucificação, porém, sua história evidencia a sua humanidade ao escolher o projeto do Reino, em defesa dos humildes, dos necessitados, dos injustiçados e dos



marginalizados de todas as épocas, indo contra a vontade dos poderosos e dos sistemas injustos pecadores. Na sua caminhada com o povo sofrido, que tem início no Jordão, Jesus vai compreendendo o seu chamado ao anúncio de um Reino que não seria estabelecido de uma maneira costumeira, tornando-se assim o Cristo que caminha com o seu povo.

Jesus é um exemplo revolucionário de fé e um modelo inspirador para aqueles que se identificam com o seu projeto. O cristão precisa se indagar sobre seus ideais e objetivos existenciais. Isto é, se está em sintonia com o projeto do Reino do Pai, mas para isso precisa compreender a historicidade de Jesus na interface com cruz. Embora, pensar e produzir objetos culturais, possam estar fora da alçada dos humanos. Pois, a partir da última seção, percebe-se a reificação dos homens, como se os próprios homens fossem instrumentos/aparelhos programados por aparelhos que ele um dia criou, mas perdeu o controle sobre os mesmos.

A última seção abre uma nova perspectiva para pensamento teológico da contemporaneidade. Embora, seja necessário admitir que tal tarefa não será desdobrada nessa investigação. De qualquer sorte, o presente artigo lança uma luz para o enfrentamento desse problema, isto é, o suposto deverá ser a historicidade de Cristo.

## REFERÊNCIAS

**BÍBLIA de Jerusalém** - Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2002.

**BÍBLIA de estudos King James** - Antigo e Novo Testamento. Niterói: Bvbooks, 2018.

**CARTA ENCÍCLICA *Laudato Si'*** (*Sobre o cuidado da casa comum*). São Paulo: Paulinas, 2015.

CROSSAN, John Dominic. **O Jesus histórico**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

CULMANN, Oscar. **Jesus e os revolucionários de seu tempo**. Petrópolis: Vozes, 1972.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

FLUSSER, Vilém. **Pós-história e cultura**. Disponível em:  
<<http://www.flusserbrasil.com/aula73>>. Acesso em 14 de maio de 2021.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1988.

ILLICH, Ivan. **A convivencialidade**. Lisboa: Publicações Europa - América, 1976.



MARTÍN, Darío Gutiérrez. **O lado humano de Jesus de Nazaré**. São Paulo: Edições São Paulo, 1997.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **O Evangelho de Marcos: um roteiro de viagem tendo Jesus como guia**. São Leopoldo: Cebi, 2012.

REALLE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt**. São Paulo: Paulus, v.6, 2006. (Coleção História da Filosofia; 6).

SEGUNDO, Juan Luis. **A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo**. São Paulo: Paulus, 1997.

SOBRINO, Jon S.J. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983.

WALKER, Décio J.; KONZEN Léo Z. **Evangelho segundo Marcos: comentário para a catequese**. São Leopoldo: Cebi, 1997.